

MARCADORES CATEGORIZADOS PELA GRAMÁTICA TRADICIONAL COMO PRONOMES DEMONSTRATIVOS: ANÁLISES DE ENSINO NA PERSPECTIVA DA TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS

MARKERS CATEGORIZED BY TRADITIONAL GRAMMAR AS DEMONSTRATIVE PRONOUNS: TEACHING ANALYSES FROM THE PERSPECTIVE OF THE THEORY OF PREDICATIVE AND ENUNCIATIVE OPERATIONS

Recebido: 28/11/2024 Aprovado: 02/02/2025 Publicado: 22/02/2025
DOI: 10.18817/rj.v8i3.3946

Leonildes Pessoa Facundes¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-9039-970X>

Francisco Cleiton Cardoso Batista²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo uma análise de enunciados que contenham as marcas categorizadas pela tradição gramatical de *pronomes demonstrativos*. Com recorte para formação do *corpus*, foram selecionados 21 (vinte e um) enunciados presentes em músicas brasileiras, delimitados somente enunciados com alguma das seguintes marcas: *este, esta, isto, esse, essa, isso, aquele, aquela, aquilo*; não serão analisados, assim, os que contenham *mesmo, mesma, próprio, própria, outro, tal e o* (quando demonstrativa), à luz das ideias presentes nas Teorias da Enunciação, mais especificamente na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), de Antoine Culoli (1990), nas seguintes Gramáticas: Bechara (2020) e Cunha & Cintra (2016). Os resultados determinantes conhecidos por pronomes demonstrativos podem se comportar de maneiras distintas, mas com algumas regularidades. As formas *isso, isto e aquilo* são de largo espectro, não fazem referências a pessoas (somente a coisas, sentimentos, etc., ou termos do discurso) e não vêm acompanhadas determinam termos imediatos, isto é, não funcionam como adjunto, e sim núcleo do sintagma nominal.

PALAVRAS-CHAVES: Linguagem; Categorias; Pronomes; Demonstrativos; TOPE.

ABSTRACT: This article aims at an analysis of utterances that contain the marks categorized by the grammatical tradition of demonstrative pronouns. With a cut to form the corpus, 21 (twenty-one) utterances present in Brazilian music were selected, delimited only utterances with any of the following marks: this, this, this, this, this, that, that, that; Therefore, those that contain same, same, proper, proper, other, such and the (when demonstrative) will not be analyzed, in the light of the ideas present in the Theories of Enunciation, more specifically in the Theory of Predicative and Enunciative

¹ Possui Doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2021), Mestrado em Letras pela Universidade Federal do Piauí (2008), graduação em Licenciatura Plena em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí (1998). Atualmente é professora efetiva/ dedicação exclusiva da Universidade Estadual do Maranhão. Chefe do Departamento de Letras campus UEMA-Timon-MA. Função de vice-Coordenadora do Projeto "Círculo Sala Verde" do campus Timon. Membro da comissão das Ações da Superintendência de Gestão Ambiental (AGA). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, com atuação nos seguintes temas: Léxico-Gramática-Enunciação, Ensino de Língua Portuguesa e pesquisas com contos Fantásticos de autores maranhenses. E-mail: leonildespessoa@gmail.com

² É doutorando em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI); possui mestrado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC - 2019); especialização em Metodologia do ensino de língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Darcy Ribeiro (2012); Graduação/licenciatura em Letras pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2010). Ministrou aulas no Instituto de Estudos e Pesquisas do Vale do Acaraú (IVA). É doutorando em letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Atualmente é professor da Faculdade Princesa do Oeste; é professor efetivo da Rede Estadual (CE); é professor da Rede Particular, ministrando aulas em escola de ensino médio e cursinhos preparatórios para Enem, vestibular e outros concursos; . Tem experiência na área de Letras, com ênfase no ensino Língua Portuguesa (gramática, produção e interpretação de textos) e respectivas literaturas. E-mail: cleitonbatista@hotmail.com

Operations (TOPE), by Antoine Culoli (1990), in Grammars: Bechara (2020) and Cunha & Cintra (2016). The determiners known as demonstrative pronouns can behave in different ways, but with some regularities. The forms this, this and that are of a broad spectrum, they do not refer to people (only to things, feelings, etc., or terms of speech) and are not accompanied by determining immediate terms, that is, they do not function as an adjunct, but noun phrase head.

KEYWORDS: Language; Categories; Pronouns; Demonstratives; TOPE.

Introdução

Neste trabalho, propõe-se fazer, à luz das ideias presentes nas Teorias da Enunciação, mais especificamente na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), de Antoine Culoli, uma análise de enunciados que contenham as marcas denominadas pela tradição gramatical de pronomes demonstrativos. Com recorte, a análise será somente enunciados com alguma das seguintes marcas: *este, esta, isto, esse, essa, isso, aquele, aquela, aquilo*; não serão analisados, assim, os que contenham *mesmo, mesma, próprio, própria, outro, tal e o* (quando demonstrativa).

A especificidade do termo [Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas] se dá “pelo fato de não se tratar de uma teoria dos sujeitos enunciadores, mas de uma teoria das operações abstratas, que compete à análise explicitar a partir da organização das formas constitutivas do enunciado e das restrições que manifesta” (Franckel & Paillard, 2011, p. 88).

A pretensão é (re)construir a significação de enunciados em que se fazem presentes os pronomes demonstrativos, buscando aproximar ao máximo as referências pretendidas pelo enunciador às depreendidas pelo coenunciador a partir de uma análise desses enunciados, buscando-se reconhecerem as formas como traços de operações.³ Para o *corpus*, serão utilizados enunciados presentes em músicas brasileiras, delimitados num total de 21 (vinte e um) enunciados.

Na teoria culioliana, os enunciados são entendidos como “um arranjo de formas a partir das quais os mecanismos enunciativos que o constituem como tal podem ser analisados, no âmbito de um sistema de representação formalizável, como um encadeamento de operações do qual é vestígio” (Franckel, 2011, p. 44).

Assim, o enunciado é a “forma empírica, material comportando os traços de operações (inacessíveis) próprias ao trabalho linguageiro” e “produzi-lo ou

³ A linguagem é entendida na perspectiva culioliana como uma atividade humana que consiste não “em veicular sentido, mas em produzir e reconhecer formas enquanto traços de operações”.

reconhecê-lo consiste em (re)construir agenciamentos de marcadores” (ROMERO, 2019, p. 185). Nessa perspectiva, o sentido é (re)construído no enunciado, o que remonta a importância de um coenunciador.

A enunciação corresponde um processo que se recupera a partir do enunciado (De Vogué, 2011, p. 59), são “os mecanismos operatórios de linguagem implicados na (re)construção do processo de significação próprio aos enunciados” (Romero, 2019, p. 185).

O artigo foi dividido em partes para melhor apresentação do tema, aqui exposto: inicialmente apresentaremos a categoria dos pronomes, segundo as Gramáticas: de Bechara (2020) e Cunha & Cintra (2016), a seguir as análises dos pronomes demonstrativos, objeto desta pesquisa.

Os pronomes na perspectiva da gramática tradicional

Tradicionalmente, os pronomes são entendidos como: “1 Vocábulo que substitui ou modifica o nome ou um sintagma nominal. 2 Palavra que representa cada um dos três elementos do discurso ou determina os nomes substantivos em função desses elementos: falante, ouvinte e assunto.” (Michaelis, 2022, *online*). Para o conceito da gramática tradicional, tomamos as lições presentes em Evanildo Bechara (2020), mais precisamente em sua Moderna Gramática Portuguesa, e em Celso Cunha e Lindley Cintra (2016).

Na Moderna Gramática Portuguesa, de Evanildo Bechara, o pronome entendido como “a classe de palavras categoremáticas⁴ que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto” (Bechara, 2020, p. 178) e “de modo geral esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso” (BECHARA, 2020, p. 162). Quanto à classificação, Bechara (2020) diz que podem ser: *pessoais, possessivos, demonstrativos* (abarcando, a rigor, o artigo

⁴ Bechara (2019), num tópico sobre classes de palavras e categorias gramaticais, coloca os pronomes como unidades categoremáticas. Diz assim o autor: “ao nos referirmos ao significado estrutural, aludimos, junto com as unidades lexemáticas (lexemas), às unidades categoremáticas, os pronomes, que são ‘formas sem substância’, isto porque apresentam apenas, ou em primeiro lugar, um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralingüística. Por isso os pronomes são substantivos, adjetivos, advérbios e – em algumas línguas que não o português – até verbos. Deferem dos lexemas porque não possuem significado lexical, ou, se o apresentam, têm um significado lexical genérico (‘pessoa’, ‘coisa’, ‘lugar’, ‘tempo’, ‘modalidade’, etc.), dado pela situação ou por outras palavras do contexto. [...] Por tudo isso que vimos até agora, os significados léxico, categorial e instrumental nos permitem dividir as palavras em lexemáticas (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio), categoremáticas (pronome e numeral) e morfemáticas (artigo, preposição e conjunção). (p.124 -125).

definido), *indefinidos* (abarcando, a rigor, o artigo indefinido), *interrogativos* e *relativos*.

O autor diz que são duas as pessoas determinadas do discurso: 1.^a *eu* (correspondente ao falante) e 2.^a *tu* (correspondente ao ouvinte). A 3.^a pessoa é indeterminada e aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa.

Do ponto de vista semântico, os pronomes estão categorizados, porque indicam *dêixis* ('o apontador para'), ou seja, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou indeterminados, ou de uma *dêixis contextual* [...]. A *dêixis* será *anafórica* se aponta para um elemento já enunciado ou concebido, ou *catafórica*, se o elemento ainda não foi enunciado ou não está presente no discurso.

Elá pode ainda envolver o lugar da terceira pessoa do discurso, só que de maneira negativa, em relação a *eu* e *tu*, que tem localização definida. Por isso é que algumas línguas, como é o caso do português, podem fazer, quando isto se impõe, a distinção entre localização indeterminada e localização determinada ou imediatamente determinável ('objeto que se encontra à vista dos falantes': aquele/aquele ali, aquele lá).

Na Gramática do Português Contemporâneo, de Celso Cunha e Lindley Cintra (2016). Os pronomes desempenham na oração as funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais. Servem, pois: a) para representar um substantivo; b) para acompanhar um substantivo determinando-lhe a extensão do significado; No primeiro caso desempenham a função de um substantivo e, por isso, recebem o nome de *pronomes substantivos*; no segundo chamam-se *pronomes adjetivos*, porque modificam o substantivo, que acompanham, como se fossem adjetivos.

Os pronomes demonstrativos: uma flexão

Evanildo Bechara entende que “a posição indicada pelo demonstrativo pode referir-se ao espaço, ao tempo (demonstrativos dêiticos espaciais e temporais) ou ao discurso (demonstrativos anafóricos) (Bechara, 2019, p. 204).

O autor traz a divisão clássica em que:

- a) em relação ao espaço,

- i) este (e flexões) aplica-se a aos seres que pertencem à ou estão perto da primeira pessoa, isto é, do falante: *Este livro* é o livro que possuo ou que tenho entre mãos. *Esta casa* é a casa onde me encontro.
- ii) Esse (e flexões) aplica-se a seres que pertencem ou que estão perto da segunda pessoa, isto é, daquela com quem se fala: *esse livro* é o livro que nosso interlocutor traz. *Essa casa* é a casa onde se encontra a pessoa a quem me dirijo.

O gramático traz algumas observações:

- i) quando se quer apenas indicar que o objeto se afastado da pessoa que fala, sem nenhuma referência à segunda pessoa, usa-se esse: “Quero ver esse céu da minha terra / Tão lindo e tão azul!” [CA];
- ii) na linguagem animada, o interesse do falante pode favorecer uma aproximação figurada, imaginária, de pessoa ou coisa que realmente se acham afastadas dos que falam. Esta situação exige este: “Dói-me a certeza de que estou morrendo desde o primeiro dia de tua união com este homem...a certeza de que o hás de amar sempre, ainda que ele te despreze como já te desprezou” [CBr.1,152];
- iii) por outro lado, cabe a esse a missão de afastar de nós pessoa ou coisa que na realidade se acham ou se poderiam achar próximas: “Vês África dos bens do mundo avara, [...] Olha essa terra toda, que se habita / Dessa gente sem lei, quase infinita” [LC.1, 92 *apud* SA].

O autor deixa claro que estas expressões não se separam por linhas rigorosas de demarcação; por isso exemplos há de bons escritores que contrariam os princípios aqui examinados e não faltam mesmo certas orientações momentâneas do escritor que foge às perscrutações do gramático. Assim, entende-se que há certa variação nesses usos.

- b) em relação ao tempo,
- i) este (e flexões) denota um período mais ou menos extenso, no qual se inclui o momento em que se fala: *Neste dia* (= no dia de hoje) celebramos nossa independência. *Este mês* (= no mês corrente) não houve novidades.
- ii) Esse (e flexões) se aplica a tempo já passado: *Nessa época* atravessávamos uma fase difícil.

O autor observa que:

- i) se o tempo passado ou vindouro está relativamente próximo do momento em que se fala, pode-se fazer uso de este, em algumas expressões: Esta noite (= a noite passada) tive um sonho belíssimo.
- ii) E com a mesma linguagem (esta noite) poderíamos indicar a noite futura: Há previsão de chuva para *esta noite*.

Observa o autor que a indicação temporal de este e esse dispensa outra expressão adverbial, se a circunstância de tempo não se apresenta ao falante como elemento principal do conjunto. Na frase “Para o jogo bastava esse movimento” [ML], esse *movimento* vale por o *movimento que se fez naquele momento*.

- c) em relação a nossas próprias palavras,
- i) emprega-se este (e flexões) quando o falante deseja fazer menção ao que acabou de narrar (anáfora) ou ao que vai narrar (catáfora).

Alerta o autor, entretanto, que há situações embarracosas para o emprego do demonstrativo anafórico, isto é, aquele que se refere a palavras ditas ou que se vão dizer dentro do próprio discurso (catáfora). Ocorre o caso, por exemplo, nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da primeira pessoa ou ao tempo em que se fala. Nestes casos, geralmente, prevalece a preferência para nossas próprias palavras, aparecendo, assim, o anafórico *este* (e flexões) em lugar do dêictico *esse* (e flexões).

- d) em referência a duas pessoas ou coisas aludidas no período, emprega-se o demonstrativo este para o que se nomeia em último lugar, e aquele para o mais afastado: Matemática e Português são duas matérias de que gosto; *este* lida com textos e *aquela* com números.

O autor observa que, em lugar dos demonstrativos, podem-se employar outros torneios de frase: *o primeiro... o segundo*; *o primeiro... o último*, etc.

Observa, ainda, Bechara que no estilo familiar e animado, emprega-se o demonstrativo com valor de artigo definido: “Esse João é das Arábias! Aquela Maria tem cada ideia” [MA.1,36].

Bechara observa que há construções fixas que nem sempre se regulam pelas normas precedentes; entre estas, estão:

- i) *isto* é (e nunca *isso* é) com valor de ‘quer dizer’ ou ‘significa’, para introduzir esclarecimentos;

- ii) *por isso, nem por isso, além disso* são mais frequentes que *por isto, nem por isto, além disto*, como a introduzir uma conclusão ou aduzir um argumento;
- iii) *isto de (e não isso de)* com valor de ‘no que toca’, ‘no que diz respeito a.

Quando à posição dos demonstrativos, o gramático ensina que em situações normais, em que não importa a ênfase, o demonstrativo vem anteposto ao nome. Em caso contrário, pode o adjetivo principalmente se o demonstrativo se referir ao pensamento já expresso: “Logo depois, senti-me transformado na *Summa Theologica* de S. Tomás, impressa em um volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia esta que me deu ao corpo a mais completa imobilidade...” [MA *apud SS.1,306*]. “... Os seus olhos serenos, como o céu, que que imitavam na cor, tomaram a terrível expressão que ele costumava dar-lhes no revólver dos combates, olhar esse que, só por si, fazia recuar os inimigos” [AH *apud SS*]⁵. Também ocorre posposição em orações exclamativas: Que dia é este!

Cunha e Cintra (2016) apresentam uma abordagem bem mais abrangente do que Bechara dos pronomes demonstrativos. Em alguns casos, há certas divergências entre os autores. Como podemos destacar, Bechara (2020) se mostra mais flexível em relação ao uso dos pronomes em relação ao tempo e não faz referência ao uso do pronome aquele em situações temporais, o que é feito por Cunha e Cintra.

Como forma de resumo do que concebe Cunha e Cintra (2016), a seguir um quadro presente nesses autores.

DEMONSTRATIVO	PESSOA	ESPAÇO	TEMPO
este	1. ^a	situação próxima	presente
esse	2. ^a	situação intermediária ou distante	passado ou futuro pouco distante
aquele	3. ^a	situação longínqua	passado vago ou remoto

Fonte: Cunha e Cintra (2016, p. 345)

⁵ Observe-se, pelos dois exemplos, o uso indiferente do *este* ou *esse*.

A teoria das operações predicativas e enunciativas: algumas considerações

A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), fundada por Antoine Culoli e continuamente em elaboração por estudiosos da área, olha para a atividade de linguagem como uma atividade significante da espécie humana (Romero, 2019) que consiste “[...] em produzir e reconhecer formas enquanto traços de operações” (Culoli, 1990, p. 26).

De acordo com Flores (2019, p. 151) “A Teoria Enunciativa bevenestiana estuda o sentido que decorre da enunciação em todos os níveis da análise linguística – lexical, sintático, morfológico, entre outros”. No entanto, “em Culoli, a enunciação não é concebida como a maneira como um sujeito se enuncia, mas sim como a maneira pela qual um enunciado se constitui” (Flores, 2009, p. 103).

Nosso estudo é permeado pela visão de língua como o sistema de representação linguística (produto) responsável por veicular as operações de linguagem (processo). A linguagem se constitui em uma forma de pensamento, relacionando-se assim a uma abordagem construtivista ou teoria do léxico, pois o sentido das unidades e os valores de elementos gramaticais não são dados, mas se constroem nos enunciados. O *enunciado*, por sua vez, é uma sequência estabilizada por um contexto.⁶

Sobre isso, é válido ressaltar a afirmação de Franckel (2011, p. 18):

Os trabalhos situados numa perspectiva construtivista dizem respeito, principalmente, ao estudo, um a um, na sua singularidade irredutível, mas também na diversidade de seus empregos, de unidades particulares de línguas particulares. Portanto, não partimos mais de grandes categorias totalmente construídas ou pelo menos construídas por representações independentes da linguagem, mas do funcionamento das unidades uma a uma e na sua singularidade.

Assim, em Culoli (1999b, p. 9), o enunciado “é um acontecimento que, por meio do traço que o materializa, ajusta as representações de um locutor às de um interlocutor”. Dessa maneira, é “uma forma empírica, material, comportando os traços de operações (inacessíveis) próprias ao trabalho lingüístico: produzi-lo ou reconhecê-lo consiste em (re)construir agenciamento de marcadores” (Romero, 2019, p. 185).

⁶ Contexto ou situação – o sentido só é determinado pelo material verbal que lhe dá corpo e o constrói; ou seja, não seguem e não podem ser entendidos na acepção das teorias pragmáticas. O contexto não é exterior ao enunciado.

A enunciação consiste “não em veicular sentido, mas em produzir e reconhecer formas enquanto traços de operações”. Autores consagrados seguem este mesmo posicionamento. Segundo De Vogué, Franckel e Paillard (2011, p. 11, grifo do autor):

Linguagem não é a reprodução, a transcrição ou codificação de um referente: ela *constrói valores referenciais* que, como construções enunciativas que são não repousam em nenhum outro elemento de estabilidade além do que a enunciação pôde construir.

Dessas afirmações, podemos entender que a linguagem não reproduz um referente, mas constrói valores referenciais. E o que são esses valores referenciais para a TOPE? São as construções das relações estabelecidas em cada unidade pelos seus respectivos enunciados. Daí o *enunciado* ser o objeto da TOPE. Para Culoli (1999b), o enunciado é um construto teórico, que consiste, para o ser humano, em um construir textos, escritos ou orais, que utilizam marcadores que são traços de operações. Produzi-lo ou reconhecê-lo equivale a (re)construir agenciamentos de marcadores, pois “ajusta as representações de um locutor às de um interlocutor” (Culoli, 1999b, p. 9).

O processo de construção do enunciado envolve três momentos: a relação *primitiva*, o momento da construção da *lexis*, a relação *predicativa* e a relação *enunciativa*. A relação desses três momentos é chamada por Culoli de operações de *repérage*, construto estabelecido sobre o seguinte princípio: um objeto só adquire um valor determinado graças a um sistema que, ao apreendê-lo necessariamente em uma relação, faz dele um termo *orientado* por um termo *orientador*. O *intersubjetivo* (tanto quanto *transindividual*) diz respeito ao jogo observado entre o Nível I (cognitivo) das representações mentais, que não é o primeiro, que não temos acesso, que precisamos de um suporte linguístico para ser formulável e só teremos acesso pelo nível II. O Nível II (linguístico) na produção e reconhecimento de formas verbais (textos/enunciados) são traços, vestígios ou rastros do Nível I em forma organizada e tangível. Os dois níveis existem um pelo outro em articulação. O Nível III é o metalinguístico, em que os traços vão adquirir a posição de marcadores nas análises das formas. Momento de reconstrução do que está em jogo, de articulação, de formalização, da aparente estabilização gramatical (Facundes, 2021, p.68).

A *lexis*⁷ é uma relação primeira que resulta das noções que ainda não estão situadas em um espaço enunciativo de um referencial. A *lexis* garante a união sintática e semântica na predicação, ou seja, ela garante a plasticidade do enunciado e, ao mesmo tempo, a sua identidade. Esse esquema inicial é chamado *lexis* e tem a seguinte notação < ξ_0, ξ_1, π >.

Nela, temos a fórmula que associa uma relação primitiva entre os termos e um esquema vazio de relações, formulando as famílias parafrásticas. Segundo Culoli (1999a, p. 46), “Toda parafrasagem caracteriza-se por uma *invariante*; acontece que uma *invariante* é uma estrutura, quer dizer um conjunto de relações entre termos, estáveis sob transformações”. Diferenciando-se das *glosas*, para Culoli, seriam os “textos que um sujeito produz quando, de modo espontâneo ou em resposta a uma solicitação, ele comenta um texto precedente” (Culoli, 1999a, p. 74). A *glossa* está ligada à atividade epilingüística e tem um papel muito importante no cotidiano dos locutores, pois vai fazê-los entender o sentido de uma frase em uma língua estrangeira ou desambiguar um enunciado mal interpretado. É importante ressaltar que as *glosas epilingüísticas* não são totalmente controláveis, pois constituem um sistema de representação interno à língua.

Segundo Culoli, o conjunto das operações enunciativas se resume a um operador único, representado por operador ϵ . A sequência, frase, unidade lexical é sempre tomada em relação ao outro termo dado previamente. O operador ϵ relaciona dois termos (*a* e *b*) em uma relação de alteridade primeira: *a* ϵ *b*. De acordo com Franckel e Paillard (2011, p. 91):

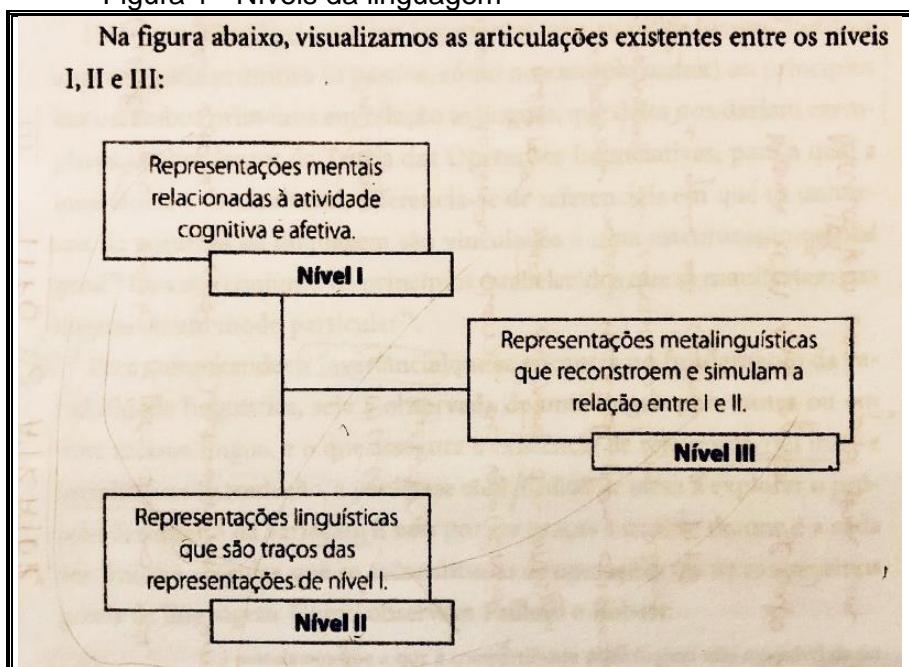
O operador ϵ relaciona dois termos (*a* e *b*) em relação de alteridade primeira: *a* ϵ *b*, e reformula essa alteridade primeira como uma relação assimétrica: *a* é orientação [*repéré*] por *b*. Ao mesmo tempo, essa orientação é indissociável das propriedades de *a* e *b*, que fazem com que o termo *a* tenha uma menor vocação, na relação, de ser orientado por *b* (em o *livro* está sobre a *mesa*, *livro* e *mesa* têm propriedades que tendem a fazer a *mesa* mais um termo orientador [*repère*] do que o inverso, visto que *mesa* não é evidentemente um termo orientador em si).

Do exposto, as propriedades dos termos *a* e *b* não são anteriores a sua instauração nas relações, ou seja, são as relações que as determinam. Na análise

⁷ Obtém-se uma *lexis* onde os termos estão/são compatíveis com uma ordem, mas não são ainda ordenados; de outro, a *lexis* é pré-assertiva e a passagem à asserção (no sentido de “enunciação por um sujeito”) implica uma modalização. Modalizar significa “se apossar de uma modalidade” e modalidade será aqui entendida em quatro sentidos: (1) afirmativo ou negativo, injuntivo etc. (2) certo, provável, necessário etc. (3) apreciativo: “ele está triste que..., felizmente” (4) pragmática, em particular, modo alocutório, causativo, em resumo, o que implica uma relação entre sujeitos. Outra, a modalização, a passagem à asserção acompanha-se de um segundo tipo de modulação, que se poderia chamar “estilística”, para distingui-lo do primeiro tipo, ou modulação retórica (Culoli, 1999b, p. 24).

da diferença das sequências Culoli introduziu o operador ϵ (épsilon espelhado), que permitiu a oposição entre relação determinista/não determinista. A articulação entre linguagem e línguas é compreendida pela relação definida por Culoli entre três níveis de representações, o Nível I, o Nível II e o Nível III. Mas é importante e oportuno entendermos o que o autor chamou de representação. Vejamos a Figura 11 apresentada por Romero (2019, p. 180):

Figura 1 - Níveis da linguagem



Fonte: Romero (2019, p. 180).

Conforme se nos apresenta a Figura 11, o Nível I ou nível nocional é aquele em que se representa a ordem cognitiva ou representações mentais. O nível remete ao conceito de noção. O Nível II é o nível linguístico, ou o meio como se acessa o Nível I de representações. Por fim, o Nível III é o sistema de representação metalingüístico, é o lugar de trabalho da linguística.

A noção é inacessível, é algo virtual e produtivo, são representações por nós elaboradas desde criança, por meio das atividades simbólicas quanto ao meio físico-cultural. Outra característica da noção é permitir à unidade linguística ser empregada pela criatividade e pela singularidade constitutiva. São marcas da deformabilidade da noção. No que diz respeito à noção, a configuração indica o corpo ou um formato às entidades e a instanciação da noção define o que vem a ser a ocorrência, ou

seja, a ocorrência seria a apreensão da noção por meio da unidade linguística, da integração da unidade dos enunciados.

Aspectos metodológicos e análises de enunciados de músicas brasileiras

Faremos a análise de 10 (dez) enunciados que foram retirados de músicas brasileiras em épocas diversas. Para esse *corpus*, não houve critérios de inclusão ou exclusão, do tipo de gênero musical, época ou outros. O critério era que a música contivesse alguma das seguintes palavras: **este, esta, isto, esse, essa, isso, aquele, aquela, aquilo**. Por uma questão de recorte, tanto no âmbito do *corpus* quanto no âmbito de análises, foram excluídos enunciados com outros pronomes, como *mesmo, mesma, próprio, própria, tal, semelhante, outro* e o *o*.

Como forma de organização, os enunciados serão dispostos na seguinte ordem: os que contêm *este* (e flexões), os que contêm *esse* (e flexões) e os que contêm *aquele* (e flexões). Porém, os trechos que contêm dois pronomes diferentes ficarão por completo.

Vamos às análises.

(1) *Não posso ficar nem mais um minuto com você*

Sinto muito, amor, mas não pode ser

Moro em Jaçanã, se eu perder esse trem

Que sai agora às 11 horas, só amanhã de manhã

(Composição: Adoniran Barbosa)

Neste enunciado 1, o determinante nominal **esse** aponta para o nome <trem>, construindo um valor referencial específico: o trem de agora. A construção desse valor referencial, entretanto, não se dá somente pela marca **esse**, mas com a ajuda do especificador “*Que sai agora às 11 horas*”. Tanto é que há, devido a isso, uma marcação de diferenciação para outro trem, que sairá no dia seguinte pela manhã. Esse contraste entre os dois trens, que pode ser – ou não – o mesmo trem em dois horários, serve de elemento discursivo para que o eu lírico justifique sua partida imediata, apesar de estar com quem ele gosta e/ou queira ficar. Percebemos que o elemento “*esse*” aponta para a proximidade temporal, num momento presente (ou quase presente), reforçada pelos termos “agora às 11h”.

Ao imaginarmos essa cena enunciativa, entendemos que a referência **esse** <trem> não tem ênfase no distanciamento espacial em relação aos enunciadores,

isto é, se está próximo ou distante do enunciador ou do coenunciador. Isso pode ser explicado porque, apesar de a referência linguística – e também extralingüística – ser ao objeto <trem>, isto é, um objeto, a ênfase recai sobre o tempo, que está próximo. Tal fato justifica a possibilidade da alternância de *esse* para *este*, mas não para *aquele*.

(2) ***Esses*** *seus cabelos brancos, bonitos*

Esse olhar cansado, profundo

Me dizendo coisas, num grito

Me ensinando tanto, do mundo...

*E ***esses*** passos lentos, de agora*

Caminhando sempre comigo.

(composição: Erasmo Carlos/ Roberto Carlos)

Neste trecho, há três ocorrências do determinante ***esse***: “*Esse* *olhar cansado*”, “*Esse* *cabelos brancos*”, “*Esse* *passos lentos*”. Em todas elas, o nome está especificado por adjetivo (brancos, cansado e lento). Na cena enunciativa, as referências pertencentes ao coenunciador (cabelos, olhar, passos), e há uso do ***esse***, coincidindo com o que preconiza a tradição gramática normativa, que recomenda o *esse* (e flexões) para situar elementos que estejam próximos aos coenunciador ou que pertençam a ele. Quando à natureza dos nomes determinados, *cabelos* e *passos* pertencem à categoria de discretos, isto é, são contáveis e enumeráveis (cabelo/cabelos; passo/passos), mas *olhar* pode ser considerado compacto, visto que se quando dizemos os *olhares dele* são penetrantes, a referência é a eventos diferentes. No entanto, é possível, tanto <*cabelos*> quanto <*passos*> serem usado no singular e fazer referência ao todo, isto é, o fato de haver cabelo branco e de o passo estar lento serem elementos que “dizem coisas num grito”. Assim: *esse seu cabelo branco* pode remeter a uma ideia de singular (um fio de cabelo branco), mas pode também remeter a uma ideia de totalidade ou plural (o fato de haver cabelo branco; cabelos brancos).

Ademais, há de se considerar a predicação *Me dizendo coisas, num grito / Me ensinando tanto, do mundo* para a apreensão do sentido total do enunciado. Percebe-se que os elementos no enunciado (determinante, nome e adjetivo) tem como função a predicação. Destaque-se aí o papel do adjetivo, pois não seria mesma coisa dizer *Esse seus cabelos, esse olhar me dizendo coisas, num grito,*

me ensinando coisas, do mundo. Isto é: esses seus cabelos brancos dizem coisas que esses seus cabelos não dizem. Idem a passos, sem o adjetivo.

(3) *O que é que eu vou fazer*

Com essa tal liberdade?

Se estou na solidão

Pensando em você

(Composição: Francisco Figueiredo Roque / Mihail Plopschi / Paulo Sergio)

No enunciado (3), temos o determinante **essa** localizado em relação ao termo *liberdade*, que é um nome compacto. Se o enunciado fosse seguir a recomendação da gramática normativa, o ideal seria **esta** em lugar de **essa**, já que *liberdade* é pertencente ao falante/enunciador, o que fica explícito pelo uso da primeira pessoa gramatical *eu vou*. No entanto, ao se olhar para a natureza do nome liberdade (compacto) e sua semanticidade (um elemento que paira na situação de convivência e não transmite ideia de localização no tempo ou no espaço), parece ser indiferente *essa tal liberdade* ou *esta tal liberdade*.

Note-se, ainda, o uso de dois demonstrativos juntos (*essa tal*). O **essa** serve mais na função de localizar-se em relação a *liberdade*, comportando-se como um termo mais neutro no que diz respeito ao discurso, e o **tal** funciona mais como elemento discursivo, dando a ideia de desdém em relação a *liberdade*.

(4) *Até a próxima vida, mas se liga*

Se der ruim com esse doido aí

Cê lembra que eu sou top dois da sua lista

(Composição: Edson Garcia / Felipe Marins / Flavinho Kadete.)

No caso (4), há uma espécie de diálogo em que o enunciador está explicitando o fim de um relacionamento amoroso com o coenunciador, que já está com outra pessoa, referenciada pelos termos *esse doido aí*. Há aqui, mais uma vez, a coincidência com o que preconiza a tradição gramatical: o **esse** é segunda pessoa e é usado para indicar algo próximo ou que pertence ao ouvinte. No entanto, essa proximidade do ouvinte não é uma localização direta. *Esse doido aí* não precisa estar próximo ao coenunciador no exato momento de fala; a noção referencial é que o coenunciador está se relacionando agora com *esse doido aí* (alcunha dada pelo enunciador), não mais com enunciador. Há uma referenciação espaço-temporal: ‘antes era comigo, agora é com *esse doido aí*’.

Observe-se que o demonstrativo está acompanhado do locativo *aí*, reforçando a ideia da localização (que se trata de algo mais amplo do que a simples localização espacial) próxima ao ouvinte. Esse reforço é chamado na gramática normativa de *reforço dos demonstrativos*: “Quando, por motivo de clareza ou de ênfase, queremos precisar a situação das pessoas ou das coisas a que nos referimos, usamos acompanhar o DEMONSTRATIVO de algum gesto indicador, ou reforça-lo” (Cunha e Cintra, 2016, 350). Esses reforços podem ser feitos com os advérbios *aqui*, *aí*, *ali*, *cá*, *lá*, *acolá*; com as palavras mesmo e próprio (esse mesmo) e com o pronome outro (*este outro* ou *estoutro*).

Pelo conhecimento empírico, sabe-se que o **esse** não está fazendo um apontamento distintivo entre esse *doido aí* e outros, já que o coenunciador não estaria se relacionando com várias pessoas ao mesmo tempo. É possível depreender que o pronome marca uma distinção entre ele enunciador (relacionamento passado) e o atual (relacionamento presente). É diferente de um enunciado como “Por favor, me passa esse copo aí”, em que há uma marca de diferenciação entre o copo que está próximo ao ouvinte e outros que não estejam.

(5) *Tire seus olhos dos meus*

Eu não quero me apaixonar

Ficou em mim um adeus

Que deixou esse medo de amar

(Composição: César Augusto / César Rossini)

No enunciado (5), a marca **esse** está localizado em relação ao nome **medo**. Note-se que a especificação *de amar* não remete diretamente à distinção de outros medos (pelo menos não de imediato), mas funciona como um caracterizador do **medo**.

Esse medo pertence ao enunciador, de forma que, se fosse seguir a rigor a gramática normativa, a forma adequada seria **este medo**. No entanto, assim como no caso (3) (*essa tal liberdade*), trata-se de um termo compacto – nestes casos, substantivos abstratos –, o que faz com que se fuja à simples localização espacial ou temporal; trata-se do medo que acompanha o enunciador em todas as situações. Assim, não faz diferença semântica e/ou referencial se se usa o **esse** ou o **este**. Mas faria se se usasse o **aquele**, dando a ideia de que o medo já existiu, mas ficou no passado.

Essa comprovação já está presente em Castilho (2015), que, em seu estudo, revela que “mesmo em seus usos *déiticos* não se comprova a correspondência dos demonstrativos com as pessoas gramaticas” (p. 138). Isso porque a subclasse não é rigorosamente formada por três termos (*este aqui*, *esse aí*, *aquele lá*), e sim o uso indiferenciado do **esse** ou **este** em contraste com **aquele**.

De qualquer forma, é importante evidenciar que essa indistinção é mais evidente em referencias a nomes compactos. Se imaginarmos uma cena enunciativa em que duas pessoas estão conversando por telefone cada uma em uma cidade, e que o um dos enunciadores diz “*conheço bem essa cidade* ou *conheço bem esta cidade*”, pode haver diferença devido a marcação o **esta/essa**. Isso se ambos conhecerem as normas de marcação dos pronomes; do contrário, para retirada da ambiguidade, é necessário um locativo (*esta/essa aqui* ou *esta/essa aí*).

(6) *Ando devagar porque já tive pressa*

E levo esse sorriso

Porque já chorei demais

(Composição: Almir Eduardo Melke Sater / Renato Teixeira De Oliveira)

O caso (6) é semelhante ao caso anterior: o pronome **esse** está localizado em relação ao nome compacto *sorriso*. Pelo uso da primeira pessoa e as referências, o sorriso pertence ao enunciador, o que, consoante à tradição grammatical normativa, exigiria o **este** em vez do **esse**. A explicação para indiferenciação do uso do demonstrativo **este** é a mesma do caso anterior.

Abra-se, aqui, um parêntese para a comprovação de que cada enunciado é único e deve ser analisado no todo. É possível que numa situação enunciativa em que duas pessoas estão conversando e uma diz à outra: “sabia que levo esse sorriso lindo sempre comigo?”, a referência seja o sorriso da pessoa com quem se fala.

Registre-se, ainda, que, quando procuramos a letra da música na internet, vemos a escrita com **este**, mas quando ouvimos os cantores, eles falam **esse**.⁸

Não se trata aqui de um sorriso entre outros – é possível que o enunciador nem mesmo esteja sorrindo no momento da fala –, mas, sim, do fato de estar sempre alegre: *Levo esse sorriso porque já chorei demais*, isto é, *dou ênfase à alegria porque já fui muito triste*.

⁸ Nós defendemos a tese, ainda sem estudos, de que parte dos falantes entende que o **esse** é mais formal e o **este** soa mais familiar. Por isso, em situações mais “monitoras”, há uma tendência à prevalência do **esse**.

(7) *Não chore não, querida, esse deserto finda*

Tudo aconteceu e eu nem me lembro

Me abraça, minha vida, me leva em seu cavalo

Que logo no paraíso chegaremos

(Compositores: Fausto Junior / Jacques Levy / Roberto Dylan)

No caso (7), o determinante **esse** está localizado em relação ao nome **deserto**. A semanticidade do termo deserto remete, no enunciado, a uma situação de sofrimento, o que é reforçado pelo verbo *chorar* (o choro se apresenta como consequência desse deserto) e pela ideia de ele [o deserto] findar.

Mais uma vez não se trata de uma localização simplesmente espacial ou temporal, mas, sim, de um estado por que em que se encontra o ouvinte no atual momento e que vai passar. O marcado **esse** determina a situação; não é o deserto em si (qualquer situação de sofrimento) que vai passar, mas o deserto que está causando sofrimento no ouvinte.

(9) *Nem vou culpar o vento por essa bagunça*

Se fui eu que deixei a janela aberta

Então é minha culpa, ai, ai

(Composição: Elcio Adriano Carvalho / Lari Ferreira et ali)

No enunciado (09), o pronome **essa** está localizado em relação ao termo **bagunça**, que é também compacto e abstrato. Pela situação de primeira pessoa, percebe-se que **essa bagunça** é a situação em que se encontra o sujeito enunciador.

Em relação ao uso do **essa** ou **esta**, a explicação é a mesma de casos anteriores. Poderia ser **esta**, como preconiza a gramática normativa, ou **essa**, pela força do uso e escolha do falante. Como se trata de um estado em que se encontra o falante, aproxima-se a referência da questão temporal; mas ultrapassa a simples ideia de tempo atual; é a situação em que se encontra o sujeito enunciador.

(10) *Eu já lhe falei de tudo,*

Mas tudo isso é pouco

Diante do que sinto

(Composição: Erasmo Carlos / Roberto Carlos)

Neste caso [10], temos o uso do pronome **isso**, que faz parte (junto com *isto* e *aquilo*) do termos considerados elementos **fóricos** (neste caso, endofóricos) de largo espectro, podendo fazer referência a toda uma sentença e atuando como

núcleo (pelo menos como substituto dele) do sintagma nominal. Em síntese: essas formas são neutras, fazendo referência geral e sem marcação de gênero e não são usadas como determinantes imediatos, isto é, não precisam de substantivos ligados diretamente (como **essa bagunça, aquela casa**).

No caso em estudo, o isso recupera a expressão *eu já lhe falei de tudo*. Assim: *tudo isso [que já lhe falei]* é pouco.

Importante é observar que as formas neutras (isso, isto, aquilo) são usadas para se recuperarem coisas, acontecimento ou sentenças, e nunca pessoas (sentença com alto custo enunciativo: “Você viu o Rafael: Vi **isto** ontem à noite”); a não ser que se deseje menosprezar a pessoa (“O que acha do Rafael? **Isto** nem se parece com gente”).

A linguística da enunciação, em suas múltiplas teorias, pode proporcionar grande contribuição no processo de produção e análise de textos. Em consonância com Flores e Teixeira (2017, p. 106), “qualquer fenômeno linguístico de qualquer nível (sintático, morfológico, fonológico etc.) pode ser abordado desde o ponto de vista da linguística da enunciação”. Assim, qualquer texto pode ser analisado, em seus diversos aspectos, numa perspectiva semântico-enunciativa, o que possibilita maior de aproximação dos sentidos enunciados e os (re)construídos pelo coenunciador.

Considerações finais

Vimos que os determinantes conhecidos por pronomes demonstrativos podem se comportar de maneiras distintas, mas com algumas regularidades. As formas *isso*, *isto* e *aquilo* são de largo espectro, não fazem referências a pessoas (somente a coisas, sentimentos, etc., ou termos do discurso) e não vêm acompanhadas determinam termos imediatos, isto é, não funcionam como adjunto, e sim núcleo do sintagma nominal. As outras formas *este* (e flexões), *esse* (e flexões) e *aquele* (e flexões) são determinantes imediatos, comportando-se com adjunto/satélite do no sintagma. Todas as formas podem fazer referências a elementos do texto ou externos a ele.

Na perspectiva da Enunciação, os sentidos se fazem no e pelo enunciado, razão pela qual só podemos determinar o sentido do enunciado, e, por conseguinte, das marcas linguísticas, na análise dos enunciados.

Analisar os textos pela perspectiva da enunciação proporciona maior aproximação com os discursos presentes nos enunciados, fazendo com que, nesse processo de modulação, o coenunciador (re)construam com mais precisão os sentidos dos enunciados.

É um tipo de atividade que pode ser feita com qualquer texto em qualquer faixa etária e nível educacional. É demasiadamente benéfica, já que proporciona no enunciador e no coenunciador um olhar mais atento ao processo de comunicação, bem como uma reflexão mais profunda sobre a linguagem.

Referências

Bechara, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. – 39. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

Castilho, Ataliba de. **Demonstrativos**. In: Ilari, Rodolfo [org.]. **Gramática do português culto falado no Brasil**. Volume IV: palavras de classe fechada. São Paulo: Contexto, 2015.

Cunha, C. F. da; Cintra, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. – 7.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

Facundes, L.P. **Das categorizações aos valores referenciais: a (in)definição linguística em construção**. Tese de doutorado, 2021. Disponível <[Tese Das Categorizações aos valores referenciais a \(in\)definição linguística em construção.pdf](#)>

Flores, Valdir do Nascimento et al. **Dicionário de linguística e enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

Flores, Valdir do Nascimento; Teixeira, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

Franckel, Jean-Jacques. Referência, referenciação e valores referenciais. In: Vogüe, Sarah de; Franckel, Jean-Jacques; Paillard, Denis. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. Tradução: Márcia Romero, Millene Biassotto-Holmo. São Paulo: Contexto, 2011. p. 31-55.

Lima, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 53.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

Paillard, Denis. Marcadores discursivos e cena enunciativa. In: Vogüe, Sarah de; Franckel, Jean-Jacques; Paillard, Denis. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. Tradução: Márcia Romero, Millene Biassotto-Holmo. São Paulo: Contexto, 2011. p. 161-185.

Romero, Márcia et al. **Manual de linguística: Semântica, Pragmática e Enunciação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

Romero, Márcia. Teoria das Operações Enunciativas. *In:* Romero , Márcia et al. **Manual de linguística: Semântica, Pragmática e Enunciação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. cap. 4, p. 176-225.

Vogüe, Sarah de. Culíoli após Baveniste: enunciação, ilinguagem, interação. *In:* Vogüe, Sarah de; Franckel, Jean-Jacques; Paillard, Denis. **Linguagem e enunciação:** representação, referenciação e regulação. Tradução: Márcia Romero, Millene Biassotto-Holmo. São Paulo: Contexto, 2011. p. 57-85.